

# QUANDO AINDA NÃO HÁ PALAVRAS, HÁ MARCAS DE UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA...

When there are still no words, there are  
marks of an untold story...

PATRICIA COHN<sup>1</sup>

---

RESUMO: Este artigo é baseado num trabalho da autora de pensar casos que chegam à clínica de forma muito frágil, despertam no terapeuta um profundo desamparo e saem deixando marcas. Por meio de um personagem inventado, a autora traz nuances de vários casos que necessitam encontrar uma nova casa, corpo, mente. A condução deste artigo se dá com autores que nos falam do ambiente, do espaço, do encontro, como Ferenczi, Winnicott, André Green e outros.

PALAVRAS CHAVE: Desamparo. Espaço. Encontro.

ABSTRACT: This article is based on the author's work of thinking about cases that arrive at the clinic in a very fragile way, awaken a profound helplessness in the therapist and leave leaving marks. Through an invented character, the author brings nuances of several cases that need to find a new home, body, mind. This article is conducted with authors who speak to us about the environment, the space, the meeting, like Ferenczi, Winnicott, André Green and others.

KEYWORDS: Helplessness. Space. Meeting.

## Introdução

Difícil escrever e descrever por onde partiu e até onde chegou. Este relato trata de encontros analíticos, de muito trabalho, onde tento encontrar as palavras para contar esta(s) história(s) que se encerram comigo sozinha e cheia de perguntas.

Como terapeuta analítica, tento contar essas histórias por meio de um personagem que reúne vários pacientes que já passaram por minha clínica, que me faz questionar como trabalhamos, e quando, na ausência de palavras, temos apenas diversas sensações, cicatrizes de histórias que pedem ajuda para serem

---

<sup>1</sup> Psicóloga (Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência – CEAPIA). Psicanalista (CEPdePA) E-mail: patricia.cohn@ceapia.com.br.

contadas. Uma casa vazia, e ao mesmo tempo cheia de não pertencimento. Como diz Alessandro Baricco em seu livro *Mr. Gwyn* (2014), a “recondução para casa” de alguém que nunca se sentiu numa de fato. Chamarei esta personagem que representa tantas outras de Nellas.

Conduzi este trabalho utilizando autores psicanalíticos que nos falam do ambiente, do espaço, do encontro, como Ferenczi, Winnicott, André Green e seus contemporâneos.

Este artigo fala de um encontro no escuro e da relação com minha casa psicanalítica, na busca de um refúgio, e do lugar que o psicanalista precisa ocupar. Não quero falar somente de Nellas, quero falar de Nellas em mim e de mim em Nellas, onde me encontro nesta impossível tarefa de psicanalizar, como já nos dizia o pai da psicanálise.

## **O encontro**

Abro a porta da minha sala de consultório e deparo-me com Nellas, muito jovem, franzina, pequena e frágil. Em pleno inverno, ela me parece pouco agasalhada, usa uma sapatilha quase furada, sem meia, calça, blusa e um casaco pouco grosso. Senta-se na poltrona em frente à minha e me olha cabisbaixa, por vezes olhando para o chão. A sensação inicial é de total desamparo e de que ainda não há palavras para descrever esse encontro.

Nós duas, ali sentadas, uma frente à outra, pouquíssimas palavras, quase nada de luz, parece um palco pouco iluminado, uma vivência de solidão. Ela, sem palavras, e eu, sem ideias. Após algum tempo em silêncio, Nellas inaugura sua fala, dizendo nem saber por que estava ali. Tinha uma vivência recente muito dolorida da morte súbita da mãe; já havia passado por uma terapeuta anterior que não sentia que lhe dava suporte suficiente, porque se confundia com sua família, trazendo todos para atendimento individual. Percebeu que algo estava errado, que não havia escuta, nem palavras, e sim atos.

E assim começou a nossa história. Desde esse primeiro momento percebi que ali precisávamos construir o nosso espaço individual e único e estabelecer um contato e um olhar particular, resgatando as vivências desde muito cedo, aquelas que tornavam Nellas, com uma frágil existência, um farrapo humano, descontinuada e desamparada.

Freud (1923/1976) inclui em seus estudos os sistemas Id, Ego e Superego. Aproxima-os da ideia de Inconsciente e Consciente, das vivências e memórias que marcam o inconsciente e as percepções que submergem no consciente, passando primeiro pelo pré-consciente, ao que ele vai atribuir uma entidade chamada Ego. Na descrição do autor, “o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do pré-consciente/consciente” (p.39). O ego tem contato com a realidade e o id com a pulsão. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto, e ego é a

razão e o id a paixão. “O ego, é primeiro e acima de tudo, um ego corporal” (p.40), ele é a própria projeção da superfície.

André Green (2008) discorre, a partir de Freud, sobre a noção de espaço analítico, propondo que por meio do aparelho psíquico e sua constituição é que podemos pensar na questão do espaço talhado entre consciente e inconsciente. O autor, espelhando-se nas ideias de Freud, nos guia entre o mundo das representações e das percepções. Nesse artigo, é importante salientar as representações-coisa, formadas a partir do inconsciente, e a representação-palavra, a partir da subjetivação, da entrada de um terceiro. Calcado nas ideias freudianas da segunda tópica, Green descreve a intensa tarefa do id com suas pulsões em busca de descarga, não obtendo ainda um espaço de elaboração, e do ego e suas ligações representativas, desde a agressividade que precisa ser metabolizada e transformada em comportamento socialmente aceito, equivalente ao superego, que em suas transformações nos diz respeito à alteridade. O que quero salientar com as ideias de André Green é uma “teoria dos espaços” que leva a articular várias forças, as mais intensas e de ordem interna e as de ordem social; espaço “ilimitado pela cultura”, onde as tradições se incorporam, se fixam, e permitem enriquecimento, interiorização, constituindo “elementos mais fundamentais da vida psíquica do indivíduo e de suas relações com as gerações que o precedem e àquelas que o seguem.” (Green, 2008, p. 207).

Nellas é como se vivesse ainda um id insípido, e um ego frágil, valendo-se mais de representações-coisa, em busca de um olhar, de tradução. Seu desamparo vai além do desamparo natural que todos nós vivemos, fala de um espaço e de outro tempo, de um tempo inicial em que muito ainda não havia acontecido, deixando pontos soltos, do não vivido.

Lisondo (2012) vai diferenciar o “desamparo catastrófico” do “desamparo estruturante” da condição humana. Pelo desamparo estruturante todos nós passamos, a começar pelo nascimento, quando viemos ao mundo totalmente dependentes de um outro que nos tome nos braços, alimente, cuide e proteja. Quando este outro é indiferente, omissivo, desinteressado para proteger e cuidar desse bebê, não permite a constituição de seu psiquismo.

Nellas, vivendo precariamente sua existência, procura alguém que fosse só dela, não nela, mas dela, alguém que a gestasse. Sua mãe sofrera um aborto antes da sua gravidez; assim, a sensação dela é de que nunca existira para sua mãe, “nasceu, mas era morta”. A mãe teve que ficar de repouso durante a gestação porque tinha risco de aborto. Chegou a se arrepender de ter querido engravidar de novo, verbalizando que deveria ficar apenas com um filho. Entre choro e mal-estar, fraquezas e enjoos, Nellas me relata sua história e sofre. Nellas se alivia, se acalma, somente quando lhe digo: “A fala da tua mãe parece marcar um não desejo, mas o que mostra é o contrário, porque ela ficou de repouso, ela te segurou e tu nasceste, tu não és a filha do aborto”. Há de haver um lugar que Nellas habite sem que seja essa escuridão.

Apesar das lembranças serem pesadas, produzem uma tentativa de elaboração. Jô Gondar (2017), em seu artigo “Ferenczi e o sonho”, vai discorrer

sobre a vantagem da repetição compulsiva no campo onírico, principalmente porque a situação traumática vai perdendo sua força ao se tornar conhecida, vai se tornando “suportável, familiar”, e também porque vai sendo “produzida pelo próprio sujeito”, sendo agora produzida ativamente por ele e podendo ser melhor controlada.

Nellas vivia noites maldormidas, sempre assustada e angustiada com o que estava por vir. Em sua cama, espalhavam-se muitos elementos do seu dia: lap-top, restos de comida, livros, anotações. Seu sono era pesado, demorava para dormir; ao escurecer, ouvia muitos barulhos e se assustava. Seus sonhos eram terríficos, de um modo geral: homens entrando em seu quarto com armas, abusando-lhe. Havia violência, sangue, destruição. Eram sempre pesados e atravessavam o sono como navalha, impossibilitando um dormir mais tranquilo. Tinha medos, imaginava mãos pegando-a durante a noite, vivências traumáticas em que um mundo foi jogado em cima dela, antes mesmo que ela tivesse preparo para suportá-lo. Não há separação entre dentro e fora, tudo é um horror. Isso também era vivido nas sessões: eram densas, às vezes o ar parecia sufocar, o tempo demorava a passar, e parecia que ambas caíamos num abismo.

Seu pai era um homem rude, de poucas palavras, por vezes gritava ou se irritava. Seus gestos eram abusivos, instaurando o trauma, vivido desde o nascimento. Ferenczi (1934/2011c) descreve a compulsão à repetição como um impulso vital se contrapondo a algo real; o sonho propiciará a retomada do vivido traumático de uma forma mais ativa, não mais passiva, permitindo ao sujeito buscar se proteger do susto causado pelo entorno.

Nellas tinha uma pele tão branca e empalidecida que parecia um fantasma, sua falta de sono refletia em sua face, olheiras caíam de seus olhos pouco brilhantes. Tinha um mundo de fantasmas, e não de fantasias.

Nellas é a filha mais nova. Quando ela nasceu, a mãe estava deprimida. Nellas se lembra de uma mãe apagada e enfraquecida, desligada e que pouco a olhava. Era ela quem acordava cedo desde pequena, a partir dos 5 anos, para se vestir sozinha e ir para a escola, se virava. Era descrita como uma menina gritona, irritante e agressiva. Para existir ela se constituiu como agressiva, com manifestações exageradas para acordar sua mãe e ser vista.

Para Winnicott (1950-1955/1988), antes mesmo da integração da personalidade, os chutes dados pelo bebê no útero não têm intenção de bater ou agredir. Na sua origem, a agressividade é quase sinônimo de atividade: agressão é vida, se expressa na busca do objeto e vai depender de como será recebido pelo meio. Conforme Winnicott, o ato de agressão de uma criança não pode ser entendido isoladamente, deve levar em consideração a criança no seu meio ambiente e os adultos cuidando dela – a criança madura de acordo com sua idade cronológica e mental, e, apesar da maturidade, as imaturidades que a criança tem, num estado não organizado propenso a regressão. Se a agressão não é suportada e apreendida no estágio inicial de integração, pode não ser compreendida ou tolerada e haverá também perda da capacidade de amor em relação aos objetos.

O pai convivia, promovia encontros, mas era muito rígido e agressivo, reclamava de não ser visto ou cuidado pela filha, que ela só se interessava em falar com ele para pedir dinheiro. Certa vez o pai, muito brabo, gritou com ela por uso excessivo do cartão de crédito. Ficou tão brabo, que nesse dia a expulsou de casa. Chorando e tremendo, foi buscar refúgio na casa de uma amiga. Chega nesse estado em sua sessão no dia seguinte, quando eu precisava acalmá-la e dar espaço para sua narrativa, ouvindo e apoiando seu sofrimento intenso. Depois desses momentos, o pai agia como se nada tivesse acontecido. Ferenczi (1931/2011b) coloca que o ambiente não pode repetir as vivências traumáticas do sujeito; portanto, a simpatia, a confiança recíproca devem ser estabelecidas antes que se apresente uma nova atitude. A associação livre, por si só, sem que sejam lançadas novas bases para uma atmosfera de confiança, não proporciona uma cura verdadeira.

A cada sessão que se seguia, além de momentos desesperados, muito silêncio ocorria. ia-me tendo que usar as palavras para me aproximar, acolher sua dor. Então, eu perguntava como ela estava, como foram seus dias. No início da sessão, muitas vezes dou a largada, depois de um tempo silenciosa. Às vezes um “E aí, como estamos?”, “De ontem para hoje?”, “Sonhos?”. E aos poucos Nellas falava. Enquanto relatava seu mal-estar na presença de um pai instável e intolerante, seu corpo todo tremia. Eu sentia na sua pele o constrangimento, o pavor, o não saber, a escuridão em que muitas vezes se encontrava.

No consultório tudo era sentido de forma intensa, a luz que vinha da rua pela janela era muito forte, fazendo com que fosse preciso fechar as cortinas. As minhas palavras precisavam ser cautelosamente medidas, senão feriam-na ou a assustavam. Nesses momentos eu tinha que tomá-la em meus braços de palavras e a embalava em meus olhos, tudo muito intenso.

A partir dela fui construindo a técnica, não a deixando no silêncio, precisando oferecer a ela um ambiente diferente do que ela constituiu para si. Elsa Oliveira Dias (2014), a partir de Winnicott, fala sobre a diferença entre o manejo e a interpretação, onde o manejo se dá diante das regressões do paciente, promovendo uma construção de história, um solo onde ainda não há profundidade...

## **O corpo/casa**

Nellas tinha desidrose nas mãos, formavam bolhas e ela coçava tanto que transformavam em feridas. Fomos, ao longo do nosso trabalho, dando palavras para esse sintoma. Pouco ela entendia, compreendia apenas que o estresse e os momentos de maior angústia provocavam essas erupções na pele da mão. Era muito sofrimento. O corpo denotava a falta. Um ato falho meu em sessão, no qual em vez de dizer “mão”, digo “mãe”, nos coloca este lugar: a falta da mãe, algo que borbulha e que sangra no seu interior.

Ashley Montagu (1988), um antropólogo inglês, vai nos trazer o curioso desenvolvimento da pele. Descreve como a pele, sendo o mais extenso órgão dos sentidos, envolve todo nosso corpo, inclusive os orifícios. É o mais antigo e sensível dos nossos órgãos. Por fora pele e por dentro sistema nervoso. “O sistema nervoso é uma parte escondida da pele ou, ao contrário, a pele pode ser considerada como posição exposta do sistema nervoso” (p. 23). A pele registra a passagem do tempo, imprimindo marcas da vivência dos anos.

O bebê vive uma dependência importante de cuidados maternos, necessitando-os continuamente; especialmente até o primeiro ano de vida ele vive um estado não integrado. O contato e os cuidados diários, como o toque materno, amamentar, embalar, segurar, banhar, abraçar, será fundamental na constituição psíquica deste ser em desenvolvimento. Tudo isto proporciona ao bebê experiências importantes, pela qualidade emocional, pela estimulação de confiança, do prazer, do pensamento, ajudando a constituir a sua integridade, confiança e autoimagem (Winnicott, 1962/1990).

A vivência materna de Nellas era tão escassa e tão pobre que, não havendo uma interlocução, o olhar do outro, e um investimento inicial das percepções, não adquire uma representação. Como nos diz Botella e Botella (2002), é o irrepresentável que ocorre justamente porque no início houve uma representação frágil e instável provocando uma não distinção entre o que é percebido do objeto e o que dele está representado, fazendo com que a ausência do objeto corra o risco de ser equivalente à perda de sua representação, e isso provoca um verdadeiro vazio, com efeitos implosivos, jogando a percepção odiada para dentro do psiquismo.

O corpo é a primeira casa do bebê, casa vivida por Nellas precariamente. Seu interior era ainda muito desintegrado, justamente porque suas necessidades não foram acolhidas, não havia estruturado esta pele/membrana/parede protetora de um espaço que pudesse acolher as diversidades da vida.

Atos e somatizações tomam lugar das representações. Somente um encontro com outra mente-casa disponível pode lhe proporcionar uma estruturação. Em sessão, Nellas demonstrava com seu corpo suas vivências. Sua fala vinha acompanhada por tremor nas mãos, empalidecimento, e às vezes me dava a impressão de que iria desmaiar ou passar mal, por vezes descrevia estar tonta. Um dia, o corpo todo tremia tanto e ela parecia tão nervosa, que me vi lhe oferecendo um copo d'água. Nessas horas, não havia palavras, também da minha parte, que dessem conta de tamanha intensidade. Outra vez, chorava tanto, desesperadamente, relatando que pediu uma bota para o pai comprar, porque estava sem sapato e era muito frio, e ele brigou muito com ela. Seu choro compulsivo, com o corpo todo tremendo, me fez perguntar-lhe se gostaria que eu fosse até ela e lhe desse um abraço, com sua afirmativa fui em sua direção e, agachada ao lado dela, abracei-a e ficamos alguns minutos assim. Havia, sim, uma presença física minha, olhar atento e muita disponibilidade, apesar do ar, às vezes, ficar pesado.

Aos poucos, vamos conhecendo a casa onde Nellas mora. Era uma casa não muito pequena, seu quarto era num sótão e a decoração era feita com móveis antigos e cor infantil. Nellas escolheu uma cor para seu quarto, mas o pai acabou pintando de outra, porque confundiu na hora da compra. Ele havia prometido mudarem os móveis, mas reclamava de não ter dinheiro e nunca fazia. Nellas sentia muito medo de estar ali, parecia que os móveis estalavam. Ela não tinha uma casa que abrigasse um corpo, um psiquismo, nunca a constituiu, suas lembranças eram sempre de lugares, mudanças, caminhos soltos onde se perdia, não havia um teto seguro e protegido. Não tinha uma casa com portas e janelas que ela pudesse abrir quando quisesse, era um arremedo de casa.

O filósofo Gaston Bachelard (1990) nos fala das casas que nos habitam: “O mundo real apaga-se de uma só vez, quando se vai viver na casa da lembrança.” (p. 75). Nellas, na sua adolescência, brigava com sua mãe pela privacidade. Esta invadia seu quarto quando queria, exigindo a porta aberta; a filha a chamava de egoísta e intolerante, e assim o espaço ficava insuportável. No início do tratamento, nas sessões, ela descrevia as passividades do pai e uma mãe exigente mas que pouco a olhava. Nellas silenciava e gritava, chorava e sentia a dor em sua alma, assim sua mão explodia em feridas e o corpo sofria. Como brigou muito com a mãe, sentiu-se responsável pela sua morte.

Para que haja uma formação do sujeito, na sua integridade, é necessário um ambiente seguro, uma casa hospitaleira, que transmita aconchego, segurança e confiança. Mas só perde quem um dia teve esse lugar, recebido com braços fortes, num ambiente acolhedor e apto, com cuidadores suficientemente atentos, olhando, escutando, transmitindo. O que fica são as letras ouvidas, as histórias contadas, o cordão umbilical da memória, e mesmo ao final, quando se vai, o que se constrói não se rompe, nem desaparece.

Nellas não tinha esse lugar seguro, não existia dentro dela uma vivência de cuidado e proteção. Eu percebia que comigo nas sessões lhe era muito difícil se entregar. Muitas vezes aquilo que eu falava era escutado com desconfiança; ela se incomodava às vezes com um som que saía da minha boca numa tentativa de compreender sua fala, algo tipo um “Ahã!”, e dizia que esse som a incomodava, que não fazia sentido. Digo-lhe que não (re)conhece um som que lhe afirme alguém a escutando e acompanhando, sempre se viu sozinha.

Numa determinada sessão, depois de alguns anos juntas, Nellas chega aos pedaços, parece muito frágil e começa a descrever o mal-estar que sentiu quando se lembrou das brigas com a mãe e a proteção que esta tinha com seu irmão, que ficava ao lado da mãe, assim como o pai. Nessas horas, sente-se muito só e sem ter em quem confiar. Diante das lembranças dessas brigas intermináveis com a mãe e essa sensação de incompreensão, Nellas começa a se desesperar, começa a pensar que por isso algo de muito ruim aconteceu com a mãe: ela morrera após um momento de raiva, e isso impediu Nellas de acompanhar a mãe no dia que passou mal e caiu desfalecida.

## Uma relação analítica e o lugar da analista

Nellas precisou se virar sozinha, se acalmar sozinha, antes mesmo de ser recebida de fato por sua mãe. Ela se tornou uma hóspede em sua casa, e aos poucos vai se hospedando em minha mente, no meu corpo, para ali ficar e ter a vivência e a experiência de não se assustar com suas necessidades.

Ferenczi (1931/2011b), em seus estudos, vai nos trazer a ideia de que o sujeito se formará a partir do ambiente que o acolhe, seja o ambiente familiar ou o ambiente psicanalítico. Os (des)cuidados de pais perversos e narcisistas provocam sérias consequências no psiquismo deste sujeito, e o psicanalista deve ter o cuidado de não repetir tal trauma.

No artigo “Adaptação da família à criança”, de 1928, Ferenczi fará referência à necessidade de a família ser hospitaleira à criança que chega ao seio familiar, a disponibilidade e a adaptação do ambiente para receber essa criança, caso contrário ela criança vai sempre se sentir como uma intrusa. Se o ambiente familiar não for cuidadoso o suficiente ou se for sedutor, violento, a criança buscará na identificação com o agressor um lugar para existir.

Na não vivência desse espaço cuidadoso no interior da família, Nellas necessitava de um lugar assim ali comigo, eu precisava acompanhá-la com todo o cuidado e atenção, precisava me recolher e falar com ela, não só sobre ela, reconhecer o que em mim ligava a aspectos vividos com a mãe, quando eu falava e ela se sentia invadida. Tudo era muito delicado e tênue. Tarefa difícil que me deixava exaurida, ao final de cada sessão.

Ferenczi (1928b), em seu artigo “A elasticidade da técnica”, problematiza as dimensões estéticas da clínica, privilegiando a empatia, o sentir-se dentro do analisando. Kuppermann (2008) acrescenta às palavras de Ferenczi que esse cuidado e acolhimento não se trata de uma maternagem e sim de poder constituir na clínica um espaço de linguagem e comunicação que originalmente era obstruído pelo distanciamento entre analista e analisando. Aqui, falar com o paciente implica muito mais que somente o conteúdo, abarca o tom de voz, o ritmo, gestos, sons do silêncio, risadas, exigindo muita sensibilidade do psicanalista.

Íamos marcando, aos poucos, uma frequência maior de sessões, mas, no geral, ela faltava a algumas e me deixava apreensiva, às vezes sem saber o que houve. Começou a vir três vezes na semana e com isso teve sua ida para o divã. Percurso difícil e angustiante. A primeira vez que deitou teve uma profunda vivência de desamparo, precisou virar-se para mim e me ver, quase me tocar com as mãos, eu ia pronunciando palavras ou sons para que soubesse que estava ali lhe escutando.

Desde o início do tratamento, Nellas me relata um abuso de bebidas alcoólicas e uso de maconha, quando sai com os amigos, sempre colocando-se em risco. Cada vez que me relatava experiências vividas quando estava altamente embriagada, meu coração apertava e eu ficava aflita; minha apreensão era de que uma hora algo de pior aconteceria e vislumbrava uma moça totalmente des-

protegida. Tentava, às vezes sem resposta, alertá-la para o perigo, mas nessas horas ela enrijecia o corpo e fechava a alma. E as sessões se desenrolavam em contações de histórias vividas por Nellas, nos finais de semana entre bebidas, com amigas, alguns encontros, algumas transas, uso de maconha em grupo, e durante a semana a faculdade e os trabalhos que desenvolvia.

Eu escutava as histórias de Nellas e pensava em ter o cuidado para não ficar excessivamente alarmada, a ponto de afastá-la assustada. Precisava viver sua história dentro de mim, como uma testemunha de tantos momentos difíceis e doloridos, e alegres nos retornos que obtinha em seus estágios, de trabalhos apresentados e notas recebidas.

## **A despedida**

E foi assim, inundada dessa alma desesperada, que foi preciso se despedir, deixando, assim, em mim, espaço para a escrita. Depois de vasculharmos sua história, sem deixar o cuidado de lado, Nellas brigou muito comigo. Já estávamos no quinto ano de seu tratamento, quase ao final de seu curso na faculdade, e ela estava desgostosa, não se via trabalhando com aquilo e queria desistir. Suas relações amorosas eram tumultuadas, mas agora morava uma boa parte da semana com uma amiga, que tinha o mesmo ritmo dela. Não era fácil, por vezes se atrapalhava, ficava confusa e perdida, achava o apê da amiga uma bagunça, uma desordem. Pensamos na precocidade dessa mudança, talvez ainda não estivesse preparada; ela não gosta do que digo, fica muito incomodada; falo da dificuldade em que nos encontramos para nos entendermos, que aquilo que digo não tem o intuito de como foi interpretado por ela. Estamos vivendo um momento delicado, ela me diz que acha que sempre será assim agora. Ao pensar mal das minhas colocações, digo-lhe que ela precisa dizer o que está pensando: o que pode parecer, para ela, uma crítica, para mim é uma comunicação, e ela concorda afetivamente, dando-me a sensação da confiança estabelecida ao longo da nossa trajetória. E a certeza que tenho de sobreviver propicia que Nellas não mais se cale, e ainda grite. Digo-lhe que sua reclamação talvez tenha a ver com algo muito anterior, que ela vivenciou no início da sua infância. A retomada de sua história junto a seus pais, agora morando um tempo na casa da amiga, tem vários desdobramentos. Começa a lembrar que o pai, na infância, era um pouco mais atento e cuidadoso. Pensamos que talvez marque dois pais diferentes, o da infância e o da adolescência/juventude. Quando era criança, Nellas podia contar com o pai, era ele quem a cuidava e acudia quando ela precisava; diferente da mãe, que parecia não estar atenta a ela – sua mãe sempre mais preocupada ou ocupada consigo mesma. Dessa narrativa vem a compreensão da desorganização. Como ficar sozinha? Como se deparar com a falta, com a ausência desta “mãe” que Nellas passa a perceber nunca ter tido de fato? Não teve ainda essa presença que a unisse num único ser.

Então, em pedaços, Nellas vai me mostrando sua desordem, seu caos, ora mais presente, querendo se descobrir, ora mais delirante, descrevendo percepções distorcidas de pessoas pelas ruas por onde passava. Nellas consegue progredir quando, depois de muita conversa entre ela e o pai, busca outro curso universitário com o qual se identifica mais. A ambivalência se mostrava quando apareciam confusões e faltas nas sessões. Resolve diminuir a frequência para uma vez na semana.

Nos últimos meses antes da nossa despedida, Nellas oscilou entre vir e desejar estar ali sendo cuidada e faltar, sem mandar notícias, chegando muito brava na sessão seguinte, sempre arranjando algo para brigar comigo. Faço uma relação com sua busca de independência, de um espaço próprio, e sua percepção das invasões da mãe, a minha tolerância com suas ausências e diminuição de frequência – agora podia sentir a falta, sem se sentir invadida. É um novo momento que se inaugura na terapia, com a desidrose diminuída nas mãos.

Winnicott (1962/1990) vai descrever a intensa relação de dependência que necessariamente deve ser vivida ainda bebê e que precisará acontecer em sessão, na relação com o psicanalista. Numa dependência falha inicial, a separação é difícil e conturbada.

Um dia qualquer, depois de algum tempo de trabalho, por uma interferência minha, preocupada com suas confusões, delírios e desordens, Nellas se sentiu invadida e isso foi uma quebra na nossa relação. A partir daí tudo o que eu falava era escutado de forma agressiva, as palavras lhe doíam na alma, e eu não encontrava mais formas de dizê-las, tudo a afetava. Eu me sentia desolada, como se tivesse falhado muito.

## **Conclusão**

Algum tempo depois, Nellas resolve que não temos mais o que trabalhar, que também nos perdemos no espaço infinito, que algo se quebrou entre nós, que agora precisa dar um tempo para a análise. E foi assim que nos despedimos. Nosso olhar que um dia se cruzou tomou outros destinos e ficou em mim um profundo sentimento de solidão. Nesse momento fiz questão de marcar um término: disse que se um dia ela quisesse voltar eu estaria ali de portas abertas a esperando, e que por mais difícil que fosse, sabia da importância daquela despedida, de poder buscar este lugar levando consigo esta experiência vivida.

Concluo que cada um desses episódios foi de grande aprendizado. Foi preciso reunir tudo neste trabalho e lê-lo várias vezes para fazer sentido e tornar belas tantas vivências de mal-estar... Busquei palavras para nomear, para me encontrar. Foi assim que pude assimilar e me tornar mais forte: integrando em mim espaços de escuta deste id insípido e um ego frágil, com pedaços de vivências culturais e transgeracionais, como nos diz André Green, dando palavras para o que é sentido no corpo – o irrepresentável, do casal Botella –, além de

viver profundamente esse desamparo, acolhendo de forma elástica, como nos sugere Ferenczi, e tendo cuidado com cada intervenção, acolhendo as dores, as agressões, e entendendo que seria preciso desenvolver um solo para depois mergulhar nessas almas perdidas, muito bem apurado por Winnicott e Elsa Dias. Foi nas terapias e análises pessoais que descobri que precisava olhar para dentro e me encontrar onde existia.

Não finalizei esses atendimentos como gostaria, mas à medida que olho me vejo e vejo Nellas, existo e existimos em linhas, não tão retas, mas profundas. Descobri que esse trabalho tão sensível, profundo e difícil que é psicanalisar só consegue fazer quem se permite olhar para dentro de si, sentir todas as fragmentações necessárias e se analisar, cuidando para não se perder ou se confundir com o analisando, mas ir ao encontro dele e de nós mesmos. Nellas me deixou parte dela e espero ter lhe deixado algo.

## Referências

- Bachelard, G. (1990). A terra e os devaneios do repouso. *Ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Baricco, A. (2014). *Mr. Gwyn*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Botella, C., & Botella, S. (2002). Irrepresentável: mais além da representação. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul; *Criação humana*.
- Dias, E. O. (2014). Interpretação e manejo na clínica winnicottiana. São Paulo: DWW Editorial.
- Ferenczi, S. (2011a). Adaptação da família à criança. In S. Ferenczi, *Obras completas – Psicanálise IV* (pp.1-15). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (2011b). A elasticidade da técnica. In S. Ferenczi, *Obras completas – Psicanálise IV* (pp. 29-42). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (2011b). Análise de crianças com adultos. In S. Ferenczi, *Obras completas – Psicanálise IV* (pp. 79-95). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)
- Ferenczi, S. (2011c). Reflexões sobre o trauma. In S. Ferenczi, *Obras completas – Psicanálise IV* (pp. 125-135). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934)
- Freud, S. (1976). O Ego e o Id. In S. Freud, *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XIX, pp. 32-41). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Gondar, J. (2017). Ferenczi e o sonho. In: E. S. Reis, & J. Gondar (Orgs.), *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política*. Rio de Janeiro: 7 letras.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kuppermann, D. (2008). *Presença sensível*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lisondo, A. D. D. (2012). O desamparo catastrófico ante a privação das funções parentais: na adoção, a esperança ao encontrar o objeto transformador. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19(2), 367-393.

Montagu, A. (1988). *O significado humano da pele*. São Paulo: Summus.

Winnicott, D. W. (1988). Agressão e sua relação com o Desenvolvimento Emocional. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (pp. 355-374). Rio de Janeiro: F. Alves. (Trabalho original publicado em 1950-1955)

Winnicott, D. W. (1990). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In D. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 55-61). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1962)